



A Representação da mulher na Literatura: Rita Baiana, de O Cortiço, sob o olhar do homem colonizador¹

Náide Rodrigues Oliveira Rosa de Souza, Geovana Gentili Santos

O presente trabalho inicialmente apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo propor a reflexão a respeito da representação da mulher na literatura brasileira, já que, tais reflexões tornam-se cada vez mais pertinentes e se faz necessária quando se analisa o processo de formação da sociedade brasileira e seus diversos reflexos nas artes literárias, com obras consideradas clássicas dada sua importância histórica e por fazerem parte de repertório artístico de nosso país é popularmente inserido nos currículos de Língua Portuguesa nas escolas.

A partir de problematizações e revisão bibliográfica, as aparições e descrições da personagem Rita Baiana personagem da obra “O Cortiço” (1890) de Aluísio de Azevedo (1857-1913), publicado sob o movimento Naturalista, com o objetivo de demonstrar o quanto a representação da mulher negra é feita sob o olhar impregnado da cultura do colonizador, resultado de um longo processo histórico e social no Brasil. Inicialmente, parte-se de uma contextualização dos movimentos literários do Romantismo e Naturalismo, com o intuito de reforçar a importância do movimento para a construção da identidade no Brasil, com destaque a Aluísio de Azevedo e como elas levaram a escrita de O Cortiço.

Após o trabalho de contextualização do movimento Naturalista e da relação autor/obra a partir da trajetória de Azevedo, seguirá a análise de trechos da obra em que as marcas da colonialidade em

¹ Artigo completo publicado como requisito de graduação (Trabalho de Conclusão de Curso) em Licenciatura em Linguagem e Comunicação pela UFPR- Setor Litoral em 2019

uma perspectiva racial estão presentes na obra *O Cortiço*, em especial na construção da personagem Rita Baiana, relacionando-os com movimentos históricos e com teóricos que embasam a leitura da representação da mulher negra, com destaque para as origens coloniais do olhar eurocêntrico e racista, assim como os conceitos filosóficos que exerceram influência sobre o período. Como desfecho, será apresentado um recorte histórico no período de colonização brasileira e das Américas, para que se compreenda a representação como reflexo desses processos e relacionando-os à construção de identidade por meio da literatura.

Romantismo e Naturalismo: o olhar do brasileiro colonizado na história e na literatura

De 1870 a 1890, a Europa passa por uma transição ideológica pós-Revolução Francesa. Durante esse período, o ideal romântico em ascensão, centralizado nos costumes e interesses da nobreza e do clero, passa a se modificar e dar voz a um novo ideal abolicionista e liberal, ligado a um regime não mais monárquico absolutista, mas republicano. Tais ideais influenciaram diretamente na literatura e na maneira de se expressar e de se representar.

Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira* (2006), ressalta que, durante o período do romantismo, os autores estavam influenciados por vários mitos idealizantes, como o da natureza e seu espaço idealizado como fuga da realidade, o amor trágico, centralizado na figura feminina perfeita, o homem como um herói e protagonista, e a pátria amada como uma nação. Historicamente, contrário a este cenário, surge uma dicotomia: de um lado uma sociedade conservadora ligada à tradição aristocrática e, por outro, uma agressividade liberal das classes médias contra o mundo dos negócios pendente ao socialismo.

Já no Brasil, o cenário era diferente, pois não haviam indústrias e grandes concentrações urbanas, portanto, a reivindicação das classes médias era a abolição e as aspirações democráticas. Candido, em *Iniciação à Literatura Brasileira* (1999, p.42), destaca a importância desse movimento: O indianismo foi importante histórica e psicologicamente, dando ao brasileiro a ilusão compensadora de um altivo antepassado fundador, que, justamente por ser idealizado com arbítrio, satisfaz a necessidade que um país jovem e em grande parte mestiço tinha de atribuir à sua origem um cunho dignificante. Nessa mesma direção, Gaudêncio, Bernardes e Melo em “*Literatura Indígena ou Indianismo - A Construção da Identidade do Índio Frente à Literatura Nacional*” (2015, p.2) apresentam: “a visão da cultura relativa ao índio erige de uma visão unilateral, ou seja, nasce da visão do branco/colonizador em relação a uma etnia que, assim como a africana, está vinculada à submissão e à aculturação.”

Apesar da tentativa do movimento romântico de criar uma identidade, tal como nota-se nas obras deste período: *Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), de José de Alencar (1829-1877). Nelas, reflete-se nitidamente a relação do brasileiro, a perspectiva do homem branco superior ao indígena, fazendo-nos entender a complexidade dessas representações como o resultado de um longo período histórico e social de “Descobrimento” (posse) da América. Para Miranda e Pessoa, em “Aukê/Aukeré era Mehin, que virou Cupen”: O olhar do indígena sobre (O outro) o homem branco em diferentes práticas discursivas” (2017), a figura do indígena desde sempre foi retratada nas artes e na mídia de maneira genérica, sem considerar a diversidade cultural de cada um dos povos, sempre centralizada na imagem do feiticeiro e selvagem, sem considerar a visão do indígena sobre o branco, não estabelecendo um diálogo. Apesar do esforço de identificar-se como um povo diferente de suas origens, a formação dos intelectuais e dos escritores brasileiros era europeia, essas “vozes” que advém de um perfil de sociedade branca, europeia, patriarcal, centralizada em costumes urbanos da elite, além de sua cultura como país estavam ligadas ao processo de colonização – o qual será abordado posteriormente no trabalho –, resultando na tentativa de se aproximar de suas origens distante da realidade, refletida nos poemas e romances.

Posteriormente desenvolveram-se em relação à sociedade brasileira pontos de vista mais críticos e realistas, expressos por um ensaísmo pouco conformista, que encontrava paralelo. Assim, é possível inferir que, desde o período colonial (1500-1822), mesmo com a tentativa do movimento do Romantismo de desvincular-se de uma identidade europeia e construir uma identidade brasileira, em especial recuperando a figura do indígena, há nessas representações uma caracterização idealizada, permeada pela cultura do homem branco europeu.

Afrânio Coutinho, em *A Literatura no Brasil* (1996), explica que “O lençol comum de ideias da época materialista, aberta no Brasil na década de 70, frutificou em um corpo de doutrinas de explicação e crítica do fenômeno artístico e literário” (2004, p.21). Essas doutrinas advinham da Europa, dentro de seu contexto social e econômico de dicotomia ideológica e a valorização das ciências, dentre elas correntes filosóficas como: Positivismo, Determinismo e Darwinismo. O Positivismo foi uma corrente filosófica proposta por Augusto Comte em meados do século XIX e XX. De acordo com José Laurêncio da Rocha em “Educação Matemática na Visão de Augusto Comte” (2006, p 55), “a percepção de que a ciência explicava e solucionava mais problemas, além de ampliar sobremaneira a compreensão do mundo [...]”

Surgem também outras doutrinas filosóficas que influenciam a Europa e que são refletidas nas produções científicas, artísticas e culturais. A partir desta perspectiva, no campo das ciências, Darwin (1809-1892) propõe, em seu livro *A Origem das Espécies* (1859), teorias centralizados na

evolução e ambiente, com destaque à seleção natural, teoria que define que os indivíduos mais fortes sobrevivem, fortalecendo-os geneticamente e selecionando as espécies. Leituras distorcidas dessas proposições justificavam comportamentos preconceituosos, influenciando ideologicamente a sociedade europeia e, também, em consequência, a brasileira. Além do Positivismo e das teorias de Darwin, conhecidas como Darwinismo, há também a teoria Determinista influenciadas por Hippolyte Taine (1828-1893) que, o indivíduo era socialmente condicionado: à raça da qual fazia parte, ao meio em que vivia e ao seu momento de vida.

Neste contexto histórico ambientado no universo científico, surgem na literatura os movimentos com uma proposta antirromântica posteriormente denominados pela crítica de Realismo e Naturalismo (1850-1900), ambos na prosa, e o Parnasianismo (1866), na poesia. Bosi (2006) e Coutinho (1996) propõem que esses movimentos surgiram como extensão aos que ocorriam na Europa. Apresentando características semelhantes, tanto o Realismo quanto o Naturalismo estão ligados a uma descrição minuciosa e objetiva. Vergara, em “O Naturalismo na Revista Brasileira (1879-1900)”, em relação à forma como os autores e teóricos do período compreendiam o naturalismo, pontua que Os críticos literários do Naturalismo se interessavam pelas ciências naturais como uma via de entendimento do que seria o brasileiro, e, assim, os literatos se atualizam com a produção científica de instituições nacionais como o Jardim Botânico, os Museus, o Observatório Nacional, a Escola Politécnica, entre outras. (VERGARA, 2005, p.2). Para Bosi (2006, p.177), “Há um esforço, por parte do escritor antirromântico, de acercar-se impessoalmente dos objetos e das pessoas. E uma sede de objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século”. Essa objetividade, como citado anteriormente, é reflexo das correntes filosóficas Positivistas, Darwinistas e Deterministas vigentes na época.

O Naturalista se colocava como um cientista que analisa a natureza das ações humanas, diferente do escritor romântico que idealizava seus personagens, ambientes e descrevia um ambiente ideal, os Naturalistas preocupavam-se em expor o que era considerado imoral, a partir da perspectiva determinista, que, como dita anteriormente, relaciona os sujeitos aos espaços que ocupavam, onde suas ações, pensamentos e comportamentos fossem definidos pelo meio. Surge, portanto, uma nova forma de representar o homem na literatura, não mais de maneira idealizada e distante e, sim, pessimista, realista e mais objetiva.

A palavra Naturalismo é formada de natural + ismo, e significa, em filosofia, a doutrina para a qual na realidade nada tem um significado supernatural, e, portanto, as leis científicas, e não as concepções teológicas da natureza, é que possuem explicações válidas; em literatura, é a teoria de que a arte deve conformar-se com a natureza, utilizando-se de métodos científicos de observação e

experimentação no tratamento dos fatos e das personagens (COUTINHO, 2004, p.11) O tom de conformidade com a natureza descrito por Coutinho é uma das características marcantes do período. O estudioso aponta, ainda, que há uma preocupação com as camadas mais baixas da sociedade, acentuando o fisiológico do homem, comparando-o com animais em relação a seus comportamentos e no espaço que vive (determinismo). Em complemento à definição de Coutinho, Pietrobon ressalta o caráter cientificista do Naturalismo e não tão filosófico ou religioso na medida em que a ideologia na época tinha se desvinculado do clero e os conhecimentos científicos passaram a ser mais valorizados. O ser humano era tratado como um objeto de análise e crítica, em que ao mesmo tempo que descritos, seus comportamentos e ações eram julgados a partir das concepções da época.

Atualmente, muitas delas são reconhecidas como preconceitos e não valorização da diversidade, já que esta era colocada como vil e sórdida. Mesmo que apresentando um caráter julgador e até mesmo preconceituoso, havia no movimento Naturalista uma preocupação em relação à denúncia das condições sociais a que os sujeitos estavam submetidos. Outra principal característica do Naturalismo é a linguagem simplificada, muitas vezes vulgar, representando o ambiente e seus personagens. Flor, no artigo “O Naturalismo no Brasil sob Suspeição” (2015), afirma que o movimento literário foi fortemente criticado por teóricos literários como Silvio Romero, José Veríssimo e Araripe Junior, divergindo em vários aspectos.

Logo, vale ressaltar que, o Naturalismo no Brasil, na forma de descrever, analisar e posicionar-se, mesmo com características originais de identidade brasileira, ainda apresenta muitos aspectos do processo literário europeu, fortemente vinculado ao progresso filosófico e científico destes países. Já que o contexto histórico do Brasil era diferente, monárquico, com anseios republicanos, liberais e abolicionistas. Tais ideais são visíveis em relação às ações dos escritores do período, tal como assinala Mendes e Catharina, em “Naturalismo, aqui e lá-bas (2009)”, de que na literatura, havia uma relação paradoxal em que existiam discrepâncias entre a realidade vivida e a escrita nos romances, já que os que trabalhavam na imprensa do Rio de Janeiro lutavam pelas questões libertárias mas faziam parte de um grupo seletivo e privilegiado em relação a seus personagens “num trabalho intenso de construção de um dissenso político, moral e estético” (p. 116), contrapondo-se aos ideais hegemônicos dos cafeicultores do oeste paulista.

Essa diferença era importante porque enquanto o movimento republicano que vinha do interior de São Paulo (e que se tornaria hegemônico) era politicamente conservador e mantinha distância relativa do movimento abolicionista, o republicanismo dos escritores e jornalistas que praticavam o romance naturalista era uma aspiração que emanava de experiências de diversificação, heterogeneidade e estranhamento próprios das cidades modernas.

Análise da representação da mulher sob o olhar do colonizador: Rita Baiana , em O Cortiço.

No enredo de *O Cortiço*, uma das mais marcantes personagens é Rita Baiana, tanto por sua personalidade adorada pelo restante dos moradores do local, como por sua representatividade na história. No início, antes de sua aparição, há momentos em que ela é citada, promovendo grande expectativa e curiosidade a seu respeito. A personagem, assim como todos os outros incluindo o próprio cortiço, refletem a realidade da época e constrói uma identidade diversa, complexa e controversa, que apesar de marcante, modifica-se mantendo a memória de um país colonizado nos quais populações negras foram escravizadas e subjugadas. A partir desta premissa, é possível analisar os reflexos da colonialidade como forma de construção da identidade brasileira, por meio da análise de trechos da obra, em especial das aparições de Rita Baiana, refletindo sobre as questões raciais e a objetificação da personagem feminina, além de ressaltar os aspectos do próprio cortiço e de alguns personagens brancos.

Rita não é a principal personagem no enredo, mas é, sem dúvida, a mais carismática. Sua presença nunca passa despercebida na história, além de se relacionar bem com a maior parte dos personagens. Para além de uma personalidade cativante, há um destaque para sua aparência sedutora, sempre ressaltada pela cor de sua pele e pela sensualidade. Seu corpo é constantemente objetificado na história, sendo o objeto de desejo dos homens, que os paralisa e os deixa fora de si, como veremos mais para frente. Antes mesmo de aparecer no cortiço, a presença de Rita é marcada. No início da narrativa, ao questionarem o paradeiro dela, que ainda não havia aparecido na história, uma das lavadeiras responde da seguinte forma: “- Aquela não endireita mais!.. Cada vez fica até mais assanhada!... Parece que tem fogo no rabo! Pode haver o serviço que houver, aparecendo o pagode, vai tudo pro lado!” (1997, p. 42).

Mesmo sendo querida por todos e de ter uma relação positiva com eles, muitos deles não compreendem suas escolhas e seu modo de viver, relacionando seus hábitos à falta de vontade, julgando-a como um caso perdido e qualificando-a sob o olhar repressor ligado à sexualidade. Chalhoub destaca que, nesse período, a grande preocupação dos governantes do Rio de Janeiro em relação a essa classe mais pobre era de serem “perigosos” considerados “naturalmente” malfeitores que tinham tendência aos vícios e à ociosidade, sempre direcionando a preocupação aos negros devido à alforria. Analisando a fala de um dos deputados do período, Chalhoub pontua que, na fala dele,

os “defeitos” dos negros não se explicam a partir de um determinado fato social – a escravidão –, porém se situam num campo intrínseco à história – a “natureza”. Insinuam-se aqui sem dúvida, as famigeradas teorias racistas, que se tornam mais influentes nas décadas seguintes; e a consequência disso é que os “defeitos” dos negros podem ser pensados como insuperáveis, tornando-se eles, assim, membros potencialmente permanentes das classes perigosas. (CHALHOUB, 2006, p.25)

Ao relacionarmos o olhar que a elite do período tinha sobre os negros, é possível compreender que espaço que as pessoas negras ocupavam na sociedade, os de perigosos, e que o passado de opressão e escravidão, causado por muitos membros desta elite, definiam a raça como traço de inferioridade, o que justificou a violência sofrida por eles e o olhar vigilante acerca de suas ações, tal como a lavadeira fez sobre Rita.

Outra marca da personagem é o cheiro, que sempre aparece ligado à sedução de maneira animalesca, traço marcante do Naturalismo. Mariza Corrêa, no artigo “Sobre A Invenção da Mulata”, destaca que a figura dos negros foi e é, sempre ligada à sexualidade, como se fosse impossível dissociar essa visão, a qual é sempre colocada para tornar a figura da mulher como desejável, destacando aspectos como cheiro, cor de pele, todos atrelados à exotividade (diferente do branco) e ao sexo, dando origem ao termo “mulata”, o qual “durante algum tempo discutia-se na literatura médica se os mulatos, como o seu nome indica, eram ou não estéreis – como as mulas, produtos do cruzamento entre éguas e jumentos.” (1996, p. 44).

A referência da personagem como Mulata aparece em diversos trechos da narrativa e reforça a imagem de inferioridade em relação a uma mulher branca, pois seu corpo torna-se objeto de desejo por ser exótico, o diferente, e, por essa razão, não há uma valorização do indivíduo e sim a satisfação de uma fantasia carnal que ela possa suprir.

A passagem a seguir, é ambientada em um domingo festivo entre os moradores do cortiço, onde Jerônimo (personagem português casado com Piedade) começa cantar saudosamente uma música de sua terra e, em resposta a Firmo (companheiro de Rita), começa a tocar violão, animando a todos. Rita vai para o pátio da estalagem e começa a dançar e o conjunto do ritmo musical brasileiro e da dança da personagem encanta Jerônimo. Ao analisar a linguagem expressada nesse episódio, é possível perceber a carga de erotismo e sexualidade atribuída à personagem, em uma descrição

puramente Naturalista, de maneira minuciosa e meticulosa, a dança da personagem é descrita em comparação direta ao ato sexual.

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxuriosa que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se tivesse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse a vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e serrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, titilando. (AZEVEDO, 1997, p 72)

Gomes e Nascimento (2016), em “Um olhar Afro-brasileiro para O Cortiço”, problematizam que Azevedo, apesar de inserir a figura do negro oprimido e marginalizado no período, “em tal contexto, prevalecia a visão preconceituosa e racista do colonizador. Por isso, ao longo dessa narrativa é fácil percebermos algumas representações de homens e mulheres negros que ainda são identificados no contexto atual” (2016, p. 126) tais representações sempre centralizadas no estereótipo da mulher negra escravizada e da mulher mulata exótica, carregada de sexualidade e objetificada no olhar do homem branco, como fielmente representado na passagem do livro citada anteriormente. Nesse trecho citado de O Cortiço, fica evidente as correntes filosóficas que formavam o pensamento e as crenças da sociedade da época que, como assimilado por Coutinho (2004), estava configurada a partir das constantes essenciais do movimento Naturalista: raça, meio e momento, elementos que compõem a maneira de representar Rita Baiana, reduzindo a personagem à sua sensualidade e tratando-a como diferente do padrão branco e hegemônico que, por sua cor de pele, corpo e cheiro, atrai o olhar dos homens. Em continuidade à dança da personagem, há mais uma descrição curiosa e problemática a ser observada e analisada:

Mas Ninguém como Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro

que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante. (AZEVEDO, 1997, p. 73)

Coutinho define que as obras Naturalistas destacam e reforçam “o aspecto fisiológico do homem, seu parentesco com os animais, a transitoriedade e a futilidade, bem como a origem irracional e egoísta de seus ideais, e o retratam de maneira irônica, lúgubre nos aspectos sórdidos e vis.” (2004, p. 12). A partir desta definição, podemos perceber o reforço do aspecto fisiológico do homem pela comparação dos movimentos da personagem com as de um animal, a cobra, ligada a uma personalidade traiçoeira e predadora, que embosca suas vítimas. Além disso, a cobra pode ser relacionada à passagem bíblica em que a serpente desvirtuou Eva no paraíso.

Nesse contexto, é perceptível a relação da sensualidade de Rita e da atração que os homens sentem por ela, motivada por suas roupas, gestos e cheiro, como é sempre destacado. Guacira Lopes Louro, em *O Corpo Educado*, discute a relação do corpo e sua ligação com o gênero e a sexualidade, ressaltando as relações de poder inseridas sobre ele que, tal como em Rita Baiana, seu corpo é sua identidade na história. Para Louro, “o corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que 16 somos ou o que podemos nos tornar” (2000, p. 8). Esse julgamento é inserido constantemente na narrativa, já que a personagem é sempre ligada à figura de uma mulher rebelde que não se veste conforme o padrão de sua época, seu comportamento é julgado por não trabalhar constantemente, como o restante dos personagens.

Eduardo de Assis Duarte, em “Literatura AfroBrasileira: um Conceito em Construção” (2007), define que a linguagem não é neutra, é carregada de sentidos ao referir-se aos personagens negros e suas descrições sob o olhar e a escrita do homem branco Assim, a afro-brasilidade tornar-se-á visível já a partir de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações, opções vocabulares e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua. (DUARTE, 2007, p.6) Esse esforço empenhado a partir das escolhas semânticas e lexicais estão presentes na não neutralidade da língua, principalmente na descrição dos personagens e em suas ações por meio da literatura.

No decorrer da análise da obra, é possível compreender que Azevedo assim como Alencar, demonstram a organização da sociedade brasileira, justificadas pelas correntes filosóficas e sociais dos períodos em que viveram, tendo grande importância documental e histórica. Azevedo adota um olhar pessimista ao representar o próprio Brasil, sendo, no final de tudo, o Cortiço o personagem

principal da história. Portanto, como define Silva, em “Uma Análise Sobre a Relevância do Espaço como Personagem na obra de Aluísio de Azevedo”: “o cortiço é exposto pelo autor como o protagonista do romance, e Aluísio preocupou-se em caracterizá-lo adequadamente, e fazer sua descrição minuciosa, como qualquer personagem verdadeiramente deveria ser descrito” (2010, p.2).

Esse olhar colonizado presente na obra, tem suas origens, como reforçado anteriormente, no processo colonial brasileiro. Para Quijano (2005), houve dois processos que foram fundamentais para a construção de poder do colonizador sobre o colonizado: a codificação da ideia de raça, compreendida pelas diferenças biológicas como “natural” à ideia de imposição e superioridade de um grupo sobre o outro, e o controle por meio do trabalho e captação de recursos. Nesta ótica, o conceito de superioridade de um grupo sobre outro é possível inferir que a maneira que esses se colocavam em relação aos outros propiciou a imposição cultural da forma brutal e na perda de identidades culturais dos povos dominados. Em um de seus conceitos acerca das identidades dos sujeitos, Quijano afirma que em um primeiro momento a identidade desses sujeitos foram baseadas em um ser humano racional, centrado e unificado, portanto, como relembra Hall (2006, p.11), “quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.” Esse sujeito considerado individualista foi definido como sujeito do Iluminismo, período no qual a filosofia e as ciências passaram a centralizar as discussões e propiciam uma atitude imperialista em relação ao conhecimento e, conseqüentemente, bem mais tarde, ao domínio dos territórios.

A formação dessas identidades foi constituindo-se de maneira considerada “natural” – em consequência à imposição cultural de colonização – à medida que a população originária (indígena) se relacionava com aqueles que vieram em decorrência do processo de colonização (europeus) e aqueles que foram trazidos como escravos (negros). Porém, tal como aponta Quijano, a construção da sociedade brasileira, no período colonial, estruturada de maneira hierárquica e dividida em grupos, permitiu o maior controle, domínio e separação, definindo os papéis na sociedade, de modo a relacionar essas identidades às classes, modelo que se configura assim até hoje.

O Brasil Colonial e a impotência da Literatura na representação de identidade

Stuart Hall (2006), traça uma “linha do tempo” acerca dos conceitos de identidade, colocando-os em diálogo com processos históricos importantes que coincidiram e coincidem com o modo de enxergar, interpretar e de nos representarmos como sujeitos. Esses conceitos possibilitam traçar

uma relação com o processo de colonização e imposição cultural dos países europeus em relação às suas colônias na América Latina. Como citado anteriormente por Quijano e como observado em O Cortiço, a maneira como os povos originários e os negros trazidos por meio da escravidão foram condicionados a uma estrutura estratificada gera de uma maneira hostil a configuração dos territórios, a partir da imposição cultural vinda de países europeus com uma organização e formulação social consolidada de maneira adversa a dos povos que aqui estavam, replicando organizações, ideais, costumes, crenças, língua e cultura. Essas consequências apontadas pelos autores são refletidas na sobreposição das culturas europeias às da América Latina.

No plano da literatura na América Latina, Kohlrausch e Mendes, em “A Escrita da História da Literatura da América Latina Como Sintoma do Processo de Decolonização” (2017), analisam a formação da literatura brasileira relacionando-a com a da literatura hispano-americana a partir dos estudos de Ureña (2016)² e Rama (2008)³. Nessa leitura, as autoras propõem a ideia de que toda a América Latina pode ser equiparada em três processos: 1) o de colonização; 2) a apropriação de culturas estrangeiras; e 3) a diversidade de povos colonizados. Tais processos constituem os indivíduos desde as origens das colonizações da América Latina até os dias atuais, resultando na maneira de pensar, de produzir e ou de consumir culturas estrangeiras à nossa por meio da imposição; à maneira de se impor em relação aos países considerados influentes e desenvolvidos e a dependência criada sobre a América.

Em relação a esses três processos, é importante salientar que a formação e desenvolvimento da língua nesse espaço colonizado é um marco importante para a formação da identidade e o início da transformação de colônia dominada em uma colônia com necessidade de aspectos culturais próprios, e de se representar em uma língua própria. A partir desta definição, Alencar e Azevedo em períodos diferentes (Romantismo e Naturalismo) propuseram-se a partir da literatura, a tentar resignificar e descrever uma identidade brasileira, porém, o olhar europeu por meio da perda e imposição cultural, esteve muito presente na construção de suas obras e de seus personagens.

Para além de uma perspectiva de formação de territórios, a imposição cultural foi um importante instrumento de poder e dominação. Por meio dela, os Jesuítas conseguiram fazer o trabalho de propagar o catolicismo (desconsiderando as religiões dos povos originários) e começou a surgir uma produção literária conduzida por este processo. Para Candido, em *Iniciação a Literatura Brasileira* (1999, p.19), “trata-se de um verdadeiro processo de dominação lingüística, aspecto da dominação política, no qual a literatura culta, repito, desempenhou papel importante”. Essa literatura culta refere-se às primeiras manifestações literárias, as quais eram produzidas por

indivíduos das classes mais altas da sociedade brasileira, consideradas as primeiras representações identitárias pós-colônia.

Entretanto, como retratada por Candido, apesar de dar poder ao colonizador e ser um processo de dominação linguística, a literatura tornou-se importante para o colonizado, portanto Quanto à possível objeção de que nossa literatura usa a língua do dominador para escrever um discurso que se quer original, lembramos que se é verdade que a escrita participou decisivamente na consolidação da colonialidade pela imposição da cultura letrada como única, também é preciso reconhecer que a literatura, enquanto manifestação simbólica de caráter artístico, constitui um espaço pelo qual os “vencidos” têm resistido ao longo do tempo 25 e manifestado sua alteridade (PALERMO,2010 apud KOHLRAUSCH e MENDES 2017) Essa resistência por meio da produção literária brasileira, foi importante pois as primeiras manifestações literárias que tiveram como objetivo de compor uma identidade de povo brasileiro propunham desligar-se, mesmo que de maneira falha, de Portugal, como ocorreu com o Romantismo.

Os primeiros indivíduos brasileiros, frutos do processo colonial brasileiro, começam a ter uma necessidade de afastar-se da literatura e da escrita do colonizador. Tal fato foi fundamental para o surgimento de um ideal identitário, de colocar-se, por meio da literatura, como indivíduo brasileiro e não mais português, como foi proposto por José de Alencar, durante o Romantismo. Essa literatura teve grande importância para nossa formação literária e para o início de uma representação que tentasse nos distanciar de Portugal.

Considerações Finais

Ao considerarmos a história colonial do Brasil e dos demais países da América Latina e a forma brutal de sua dominação, percebemos o sufocamento da cultura originária e dos negros, que foram trazidos à força, tendo sido essa violência fundamental para dominação. Como descrito por Quijano e Holanda, esse processo foi rico em consequências como a estratificação em grupos, a perda das línguas originárias e a incorporação de hábitos e culturas europeias e diversas às nossas, gerando a necessidade desses países de encontrar uma identidade cultural própria, para se reconhecer em seu próprio espaço.

A Literatura desempenhou um papel de resiliência, já que, como definido por Candido, apresenta um caráter humanizador e de grande importância, dado que permite manifestar, refletir e aprender, desempenhando importante papel na humanidade, já que a partir dos primeiros textos descritivos,

foi possível para que muitos países, em destaque o Brasil, reconhecer parte da sua história e servir de pano de fundo para um ideal de busca por identidade.

O Naturalismo foi uma maneira importante e de representação, mesmo que problemática, já que com Aluísio de Azevedo personagens marginalizados e esquecidos passam a fazer parte da literatura. Porém, a partir da análise de *O Cortiço*, foi possível compreender a herança de uma hegemonia branca e europeia na maneira de enxergar e representar seus indivíduos, com destaque para Rita Baiana, que representa a figura da mulher negra objetificada e subjugada, imagem que permanece nas grandes mídias, de maneira violenta, separando e segregando as mulheres negras.

Além disso, a obra representou quase que de maneira simbólica e descritiva a história dos cortiços, que posteriormente, levou a origem das favelas. Essa representação, apesar de muitas falhas, apresenta o olhar do brasileiro antigamente e seus reflexos na atualidade em relação à identidade, ainda que muito ligado com um olhar colonizador, que objetifica, subjuga das formas mais sutis às mais violentas às populações negras.

Referências

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino Americanas*. Buenos Aires, CLACSO, 2005.

SCHWARTZ, L.K.M. Índios do Brasil: Alteridade, Diversidade, Diálogo Cultural. São Paulo, Cadernos de Campo (comunicação- Índios do Brasil), 1992.

HOLANDA, S.B. Raízes do Brasil, São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

KOHLRAUSCH, R, MENDES, M.F. A Escrita da História da Literatura da América Latina como Sintoma do Processo de Decolonização. Cascavel, v. 18 nº40, Revista Linguas e Letras, 2017.

CANDIDO, A. Iniciação à Literatura Brasileira (Resumo para principiantes), São Paulo, FFLCH USP, 1999.

FIORIN, J.L. A Construção da Identidade Nacional Brasileira. São Paulo, V.1, nº 1, Bakhtiniana, 2009

BOSI, A. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo, Editora Cultrix, 2006

THIESSE, A. M. A Criação Cultural das Identidades Nacionais na Europa, Paris, 1999.

- LOPES, P.C. Literatura e a Linguagem Literária. Lisboa, BOCC, 2010.
- CARPEAUX, O.M. História da Literatura Ocidental Volume I, Brasília, Senado Federal, 2008.
- CANDIDO. A. Direito a Literatura. In: Vários Escritos, São Paulo, Editora Duas Cidades, 1995.
- VERISSIMO, J. História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional Setor de Obras Digitalizadas, 1915. RIBEIRO, R.A. A Contribuição da Estética Romântica para a Construção da Identidade Nacional. Porto Nacional, Revista Porto das Letras, 2016.
- GAUDENCIO, W.P.S., BERNARDES, A.L, MELO, C.A. Literatura Indígena ou Indianismo-A Construção da Identidade do Índio Frente à Literatura Nacional. Editora Realize, 2014.
- MIRANDA, C.C, PESSOA, F. C.C. “Aukê/Aukeré era Mehin, que virou Cupen”: O olhar do indígena sobre (O outro) o homem branco em diferentes práticas discursivas, Revista Caleidoscópio, Vale Rio dos Sinos v.16 nº 2, 2018. 29
- COUTINHO, A. COUTINHO, E. F. A Literatura no Brasil v. 4: Era Realista Era de Transição, São Paulo, Editora Global, 2014. ROCHA, J.L, A Educação Matemática na Visão de Augusto Comte, Rio de Janeiro, Tese de Doutorado em Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica, 2006. Disponível em: Acesso em 10/10/2019
- VERGARA, M. de R. O Naturalismo na Revista Brasileira (1879-1900), Mneme Revista de Humanidades, v 5 nº10, 2010
- PIETROBOM, A.L. Aluísio Azevedo: Naturalismo e Fantástico, São José do Rio Preto, Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual Paulista- UNESP, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/94169>> Acesso em 10/10/2019.
- MENDES, L. O Romance Republicano: Naturalismo e Alteridade no Brasil 1880-90. Revista Letras & Letras, Uberlândia, 2018. FLOR, A. O Naturalismo no Brasil sob Suspeição. Belém, Revista Brasileira de Literatura Comparada- ABRALIC, 2015
- CARA, S.de A. Realismo e perda de Realidade: O Naturalismo de Zola, Literatura e Sociedade, v. 15 nº14, p. 100-111, 2010 MENDES, L., CATHARINA, P.P.G.F, Naturalismo, aqui e là-bas. O Eixo e a Roda, v 18 nº1, 2009
- SILVA, F.A.F, Uma Análise sobre a Relevância do Espaço como Personagem na Obra “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo. Revela, ano IV nº VIII, 2010
- LUCIANI, L.P.B, O Cortiço: (Des)construindo Identidades e Estabelecendo Relações com o Século XXI. Cadernos de Pós-Graduação em Letras, Editora Mackenzie v18, nº 1, 2018

CAVALCANTE, J.L.C, A Lei de Terras de 1850 e a Reafirmação do Poder Básico do Estado Sobre a Terra, Revista Histórica, 2015

CHALHOUB, S. Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial, São Paulo, Companhia das Letras, 2006 HALL, S. A Identidade Cultural na Pós- Modernidade, Rio de Janeiro, Editora DP&A, 2006

AZEVEDO, A. O Cortiço, São Paulo, Editora Ática, 1997 MOREIRA, J. F. R, Aluísio de Azevedo e o Determinismo Social na Construção do Espaço Urbano: Reflexões à Luz da Geografia Humanista e Cultural, Revista Geografar UFPR v.11 n°2, 2016 30

CANDIDO, A. De Cortiço a Cortiço in: O Discurso e a Cidade, São Paulo, Duas Cidades, 1993. p. 123 a 152

FERREIRA. N, MIRANDA, A.C, Uma Passagem no Tempo: Do Cortiço à Favela Contemporânea, Rio de Janeiro, Corpus et Scientia v 8 n°2, 2012 DUARTE, E. A. Literatura Afro-brasileira: Um conceito em Construção, In:A Mente Afro-brasileira, Africa Word Press, 2007

LOURO, G.L. O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2000

CORRÊA, M. Sobre A Invenção da Mulata, Cadernos Pagú, 1996 GOMES, C.M.S, NASCIMENTO, D.S, Um Olhar Afro-brasileiro para O Cortiço, Revista Línguas & Letras v 17 n°38, 2016

Autoras:

Náide Rodrigues Oliveira Rosa de Souza

Graduada pela Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral no curso de Licenciatura em Linguagem e Comunicação. (2020).Atualmente é licencianda em Pedagogia pelo Instituto Federal de São Paulo- Campus Registro.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2802464729821867>

Geovana Gentili Santos

Doutora, Mestre e Graduada em Letras pela UNESP

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0269042722165774>